

# MATERIALIZAÇÃO DA ENERGIA



No *Mois* n.º 111, J. Delevsky, depois de expôr sumária e imperfeitamente os fenómenos da transformação da matéria em energia e da energia em matéria, assunto que a seu tempo será tratado nas colunas de «*Sintese*», apresenta a seguinte «Tentativa de Interpretação Filosófica» que merece ser transcrita:

«As interpretações das experiências relativas às transmutações recíprocas da matéria e da energia, e sobretudo à materialização da energia cinética das partículas, são na verdade muito discutíveis... etc.

«Mas admitamos que tais fenómenos sejam rigorosamente demonstrados: a prova física não seria completa se não fôsse acompanhada duma interpretação teórica e filosófica.

«Estava-se habituado a considerar a energia como uma propriedade da matéria. Concebia-se que a energia estava associada a um «*subtractum*» material, quer fôsse a matéria ordinária, quer fôsse o «éter», espécie de matéria *sui generis*. Como se poderia conceber então que a matéria fôsse susceptível de se transformar em energia, isto é, numa das suas propriedades (sem «*subtractum*» material ordinário) ou que a energia, simples propriedade de matéria, fôsse susceptível de se transformar em matéria seu próprio «*subtractum*» e suporte? Como conceber estas encarnações e estas desencarnações?

Pode perguntar-se: mas o que é a ma-

téria? A Natureza apresenta-se-nos como um conjunto de manifestações que actuam sobre o nosso organismo e se projectam psicologicamente, de certa maneira, no nosso aparelho intelectual.

A nossa psicologia elabora de maneira conveniente as percepções que chegam do mundo exterior. Segundo a filosofia empirio-crítica de Richard Avenarius, não há para nós senão «enunciações» (*Aussagungen*): luzes, côres, sons, percepções tácteis, etc. Para nós a luz não é senão um conjunto de manifestações sensuais repetindo-se de maneira mais ou menos estável nas mesmas condições e que constituem o *subtractum*-matéria, que em última análise é a substância.

Um jovem autor inglês, infelizmente desaparecido prematuramente, exprime-se sobre o assunto, no seu livro sobre *As limitações da Ciência*, (1) nos termos seguintes: «A noção de substância é uma noção muito difícil de definir. Um fragmento de matéria pode possuir as propriedades de ser duro, frio, côrado, etc. Mas o que é essa qualquer coisa que possui tais qualidades? Se se faz abstracção de todas as qualidades que um fragmento de matéria possui, o que é que fica? A noção de substância, se pensamos nisto, parece ser de algum modo associada à nossa sensação de esforço mus-

(1) J. W. N. Sullivan: *Limitations of Science*, Londres.